

INFLUÊNCIAS DO SISTEMA CUBANO DE PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR SOBRE AS USINAS DE SÃO PAULO (BRASIL): 1875-1929

Mateus de Almeida Sampaio Prado¹

Resumen

La producción de azúcar ha jugado un papel central en gran parte de la historia de Cuba, así como en Brasil. En algunos períodos de la historia de estos dos países se consideró esta actividad, tecnológicamente hablando, moderna, y en otros se mostraron retrasos y demoras.

Durante el período que cubrimos, 1875-1929, el cultivo de caña de azúcar de Cuba fue el más desarrollado del mundo, presentando altos niveles de productividad. Ya la de Brasil estaba estancada en el tiempo, totalmente incapaz de competir en el mercado internacional.

En Brasil, el estado de Sao Paulo se perfilaba como un productor emergente, dotado de una mayor capacidad de asimilación de la tecnología y la expansión del cultivo de caña de azúcar. En el proceso de despliegue de sus modernas plantas en primer lugar, el ejemplo de Cuba fue de grande influencia a los productores de Sao Paulo.

Lo que pretendemos analizar con esta investigación es cómo el sistema cubano de transporte de la caña tuvo divulgación y fue asimilado parcialmente en el estado de Sao Paulo, que pronto se convertiría en el principal productor de azúcar en el Brasil.

Palabras claves: transporte de la caña, sistema cubano.

¹ Doutorando em Geografia. DG-FFLCH-USP (Brasil). E-mail: mapas@usp.br

Apresentação

Este artigo traz uma comparação entre as indústrias canavieiras em Cuba e no Brasil, durante o fim do século XIX e início do XX (1875-1929) – período marcado pelo surgimento das modernas fábricas de açúcar nesses dois países. Aponta semelhanças, diferenças e influências mútuas entre ambos.

Contextualização histórica

O Brasil, mais especificamente, o Nordeste brasileiro, constituía a principal zona exportadora de açúcar do mundo durante o fim do século XVI e o início do XVII. A guerra deflagrada entre Espanha e Holanda trouxe como consequência a migração de capitais, técnicas e variedades de canas cultivadas do Brasil para as Antilhas. O Caribe tornou-se, pouco a pouco, proeminente na produção e exportação açucareira. A “*Guerra dos Sete Anos*” (1756-1763), colocou Espanha e Inglaterra em lados opostos. Entre algumas de suas consequências, destacamos a tomada de Havana pelos ingleses, em 1762. Com a captura da cidade, uma das primeiras medidas dos britânicos foi promover a abertura dos portos cubanos para o comércio com as demais colônias inglesas do Caribe e da América do Norte. Tal situação propiciou-lhe uma espécie de “*renascimento comercial*”, alavancando a migração forçada de milhares de escravos africanos para trabalharem nas plantações de cana de seu entorno, selando-lha a condição de terceira maior cidade do “*Novo Mundo*”. No entanto, menos de um ano após sua captura, foi firmado um acordo de paz pelo qual a Inglaterra concordava em abdicar de Cuba. Compensatoriamente receberia o território da Flórida (onde introduziu a canavicultura), ampliando dessa forma sua possessão continental na América do Norte. Entre as implicações desse episódio houve, além da expansão da produção açucareira na ilha pela injeção de novos capitais e pela elevação do comércio, também uma primeira aproximação comercial entre Cuba e as 13 Colônias norte-americanas. Já na virada do século XVIII para o XIX, era o que Haiti despontava como a principal colônia agrícola no mundo tropical, a “*Jóia do Caribe*” era responsável por cerca de 50% da produção mundial de café e 40% da de açúcar. A Revolução de 1804 e a consequente proclamação da primeira república negra do mundo ocasionaram uma série de embargos externos contra o jovem país, que logo minaram sua pujança econômica.

Ocasionou-se nova migração da produção açucareira, agora do Haiti em direção às colônias de Luisiana (ainda francesa) e Cuba (ainda espanhola).² Em 1812 Louisiana torna-se oficialmente o 18º Estado a integrar os Estados Unidos, via compra de seu território que, e na ocasião, já com 75 engenhos açucareiros, converteu-se de imediato na principal fonte doméstica de açúcar do *jovem* país EUA. Ainda assim, sua demanda interna era maior que o volume produzido; havia necessidade de importação.

Cuba: colonialismo, capitalismo e canaviais

A proximidade comercial entre Cuba e EUA estreitava-se desde a *Revolução Norte-America* (1776). Com a proibição por parte da Inglaterra da existência de comércio entre suas colônias e os rebeldes recém tornados independentes, abria-se novamente o caminho para a aproximação comercial entre ambos. Rapidamente Cuba tornou-se – ainda que fosse uma colônia espanhola – praticamente o único grande fornecedor externo de açúcar, melão e rum para os EUA. Cubanos e norte-americanos passaram a cogitar uma possível incorporação da ilha aos EUA. Em 1821 o então já ex-presidente norte-americano *Thomas Jefferson* considerava que Cuba seria "*the most interesting addition which could ever be made to our system of States*".³ O “*Western Hemisphere*” era visto pela “*Monroe Doctrine*” (1823) como esfera de influência natural dos EUA. Nesse contexto, o então Secretário de Estado norte-americano, filho de ex-presidente e futuro presidente dos EUA *John Quincy Adams*, teorizando acerca da geopolítica no continente americano e revelando suas intenções implícitas, escreveu que:

“There are laws of political as well as physical gravitation; and if an apple severed by its native tree cannot choose but fall to the ground, Cuba, forcibly disjoined from its own unnatural connection with Spain, and incapable of self-support, can gravitate only towards the North American Union which by the same law of nature, cannot cast her off its bosom.”

Entre os receios dos estrategistas norte-americanos estava o da perda definitiva de Cuba, por parte de Madrid, para a rival Inglaterra – uma potência colonial superior à

² ABOETT, 2010.

³ Ver: http://www.archive.org/stream/monroedoctrineal00unit/monroedoctrineal00unit_djvu.txt

Espanha naquele momento, detentora de possessões nas cercanias (cuja mais próspera era a Jamaica) e recente adversária dos EUA em sua guerra de libertação. Enquanto se discutia sobre a eventual anexação de Cuba ao sistema de estados norte-americanos, esta ia se convertendo numa “*sugar slavocracy*”. Em 1827 havia na ilha cerca de 290 mil escravos, parte considerável dos quais vinculados a atividades domésticas e urbanas. Em 1841 esse número havia saltado para aproximadamente 440 mil, a despeito da proibição do “*trafego negreiro*” feita por parte da Espanha desde 1820. Esse aumento numérico devia-se, sobretudo, à atividade ilegal desempenhada por traficantes e fazendeiros norte-americanos dos estados agrícolas sulistas, que forneciam mão-de-obra para a expansão da atividade canavieira em Cuba. Em artigo intitulado “*Annexation*” e publicado em 1845 na revista “*United States Magazine and Democratic Review*”, John L. O’Sullivan cunhou a expressão que se tornaria (após ser resignificada em seu sentido original) a principal motivação para as ações políticas externas norte-americanas durante as décadas que se seguiriam: o “*Manifest Destiny*”. Especificamente neste texto, O’Sullivan defendia a anexação do Texas por parte dos EUA, objetivando, acima de tudo, a nobremente “*establish on earth the moral dignity and salvation of man*”. É importante notar que o autor não pregava o uso da força, e pensava que, assim como o Texas, também o Canadá provavelmente um dia viria a solicitar sua anexação aos EUA. Após comprar os territórios de Louisiana (França, 1803), Flórida (Espanha, 1819) e Oregon (Inglaterra, 1846), anexar a República do Texas (1845), assim como tomar pela força militar mais de 60% da área original da República do México (1848), os EUA ofereceram US\$ 100 milhões para comprar Cuba da Espanha através de uma proposta formalizada por seu presidente James Knox Polk. Diante da negativa, em 1854 foi elaborado o documento que ficou conhecido como “*Ostend Manifesto*”⁴, cuja finalidade era comprar a ilha por US\$ 130 milhões, ou declarar guerra à Espanha caso essa se rejeitasse novamente a efetuar a venda. No entanto a “*proposta*” não chegou a ser efetuada devido às crescentes desavenças internas existentes entre os interesses conflitantes dos estados do sul e os estados do norte dos EUA. Os expansionistas dos estados sulistas defendiam a anexação da ilha enquanto mais um “*slave state*” dos EUA (a exemplo do que ocorrera com Flórida e Texas), ao passo que no norte do país fortalecia-se a idéia liberal abolicionista. A entrada dos novos estados “*slavery-free*” no

⁴ Ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Ostend_Manifesto

oeste (Califórnia e Oregon – as demais “*aquisições*” tornaram-se, a princípio, “*territórios*”, e não estados) tendia a balança em favor dos interesses do norte, pois cada estado contava com igual peso de representatividade no Senado e no Congresso. Com isso ficava ainda mais reduzido o poder de barganha dos sulistas em Washington, que viam em Cuba, com seu sistema escravista, sua economia de viés agro-exportadora e sua localização geográfica próxima, um importante reforço para sua luta política interna por poder. Representante dos interesses sulistas, o “*Ostend Manifesto*” declarava que

*"It must be clear to every reflecting mind that, from the peculiarity of its geographical position, and the considerations attendant on it, Cuba is as necessary to the North American republic as any of its present members, and that it belongs naturally to that great family of states of which the Union is the Providential Nursery"*⁵.

O descontentamento dos cubanos em relação à sua metrópole fomentava o surgimento de um espírito nacionalista, dividindo seu povo entre os adeptos a: “*reforma*” (com relação à Espanha); “*anexação*” (com relação aos EUA); “*independência*” (tornando-se soberana). No que diz respeito à segunda tendência (anexação), havia ainda outra fissura interna. Para a elite econômica canavicultora cubana, interessava a união com os EUA para aliviar a pressão exercida, sobretudo pela Inglaterra, pelo fim do regime escravista – interesses vinculados aos dos estados do sul dos EUA. Já para a elite intelectual da ilha, os principais argumentos motivadores dessa união vinculavam-se a introdução das novas práticas políticas, democráticas e modernas, e dos ideais revolucionários que poderiam levar-lhes a um maior grau de desenvolvimento e de liberdade – interesses atrelados às práticas dos estados do norte dos EUA. Quando se deu a eclosão da “*Guerra Civil Norte-Americana*” (1861-1865), a vínculo comercial entre EUA e Cuba era grande: um abastecia o outro de açúcar, recebendo em troca itens manufaturados, ferro e escravos.⁶ Três anos após terminada a “*Guerra Civil Norte-Americana*” teve início a “*Guerra dos 10 Anos*” em Cuba (1868-1878), colocando em lados opostos independentistas e legalistas. Entre os interesses independentistas constavam os dos cultivadores de tabaco e o dos afro-cubanos, localizados predominantemente na porção leste da ilha. Da parte legalista, majoritariamente assentada na porção oeste da ilha e que se viu vitoriosa no final, estavam os espanhóis e os produtores de açúcar.

⁵ Ver: <http://www.historyofcuba.com/history/havana/Ostend2.htm>

⁶ Ver: http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Cuba#Sugar_plantations

Durante o conflito interno desenrolado em Cuba, investidores norte-americanos beneficiaram-se fazendo aquisições de terras a baixos custos e investindo no estabelecimento de empresas agro-exportadoras na ilha. A proximidade entre produtores de açúcar cubanos e refinadores norte-americanos intensificou. Ocorriam casamentos entre famílias vinculadas ao setor canavieiro de ambos os países, e norte-americanos naturalizados cubanos atuavam na produção e comercialização de açúcar em Cuba. Tamanha tornara-se a influência dos empresários dos EUA que o viajante inglês *Anthony Trollope* chegou a afirmar, durante sua passagem pela ilha, no ano de 1877, que “*Havana will soon be as American as New Orleans*”.⁷ A generalizada desorganização e o parcial desmantelamento da produção açucareira na Louisiana, decorrente da guerra civil, tornara Cuba um foco de atratividade para os capitalistas norte-americanos. A indústria açucareira cubana passava por franco processo de modificação. Em 1886 foi abolida a escravidão na ilha (apenas dois anos antes do que o Brasil, fazendo destes, respectivamente, penúltimo e último países da América a terem liquidado tal regime). Novas formas técnicas e administrativas de produção estabeleciam as “*Centrales*”, modernas fábricas que passavam a concorrer com os tradicionais “*Ingenios*”. O desenvolvimento industrial passava a ditar o ritmo da produção agrícola, agora calcada no uso de energia a vapor, moendas de aço, ferrovias, guindastes, etc. O sistema produtivo como um todo adentrava, lentamente, numa nova etapa de sua história em cuja qual, a principal fonte de invento, desenvolvimento, fabricação, exportação e financiamento das tecnologias empregadas era os EUA. Técnicos, mecânicos, químicos, agrônomos, engenheiros, muitos novos cargos criados com o estabelecimento desse processo de inovação, atraíam pessoas de origem norte-americana. Em 1887 firmou-se a “*American Sugar Refining Company*”, também conhecida por “*Sugar Trust*”, que consolidava a defesa, via lobbies, do interesse de 21 companhias de refino que, após expandirem seus negócios para Cuba, tornaram-se responsáveis pela produção de 98% do açúcar consumido nos EUA em 1907.⁸ Desde 1892 os açúcares produzidos em Cuba, Porto Rico e nas Filipinas contavam com *status* privilegiado para sua comercialização no mercado interno norte-americano. Através dessa postura da “*U.S. sugar policy*”, sobretudo Cuba e Porto Rico viram suas

⁷ Ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Cuba_%E2%80%93_United_States_relations e ABOTT, 2010.

⁸ Ver: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=FA0A16FF3E5D12738DDDAD0994D9415B898CF1D3>

plantações aumentarem vertiginosamente sua área, o que se dava paralelamente a uma maior dependência econômica com relação aos EUA. A influência norte-americana crescente na ilha entrava em oposição direta com a política colonialista espanhola, que restringia o comércio externo cubano, sem, no entanto, praticar ela própria, relevante papel econômico nas trocas econômicas. Politicamente Cuba estava vinculada por um elo estremecido e enfraquecido com a Espanha; economicamente era parte do raio de influência dos EUA. Calcula-se que em 1895, ano que eclodiu o conflito que finalmente terminaria por desvincular Cuba e Espanha, havia cerca de US\$ 50 milhões de origem norte-americana investidos na ilha. Em 1896, 19 das unidades refinadoras instaladas em Cuba pertenciam à “*American Sugar Refining Company*”.

Durante os anos em que a guerra independentista cubana foi travada (1895-1898), a perda material e humana foi intensa. O general Valeriano Weyler y Nicola liderava os esforços metropolitanos pela manutenção de sua colônia caribenha. Alinhado de “*Butcher Weyler*” devido às atrocidades pelas quais havia ficado famoso, empregou um método de combate aos insurgentes que ficou conhecida como o dos “*reconcentrados*”. Este se constituía em aprisionar parcela significativa da população civil para evitar que seus opositores, após utilizarem-se de técnicas de sabotagem e de guerrilha, infiltravam-se em meio à população pacífica e não poderem ser identificados. Em decorrência, estima-se que em torno de 500.000 cubanos foram presos, dos quais cerca de 200.000 morreram por doença ou fome. Calcula-se ainda que aproximadamente uma terça parte da população rural cubana tenha morrido nos conflitos. Diversas propriedades agrícolas também foram destruídas com a guerra. Visando dar uma saída diplomática à problemática em curso, o presidente norte-americano William McKinley fez à Espanha, no ano de 1897, uma nova proposta para comprar a ilha, dessa vez por US\$ 300 milhões. Novamente não houve acordo. Em janeiro de 1898 foi enviado para Havana o navio de guerra “*Maine*”, visando oferecer proteção aos cerca de 8.000 norte-americanos residentes na capital cubana. No entanto, fevereiro do mesmo ano essa embarcação, quando se encontrava ancorada no porto da capital cubana, explodiu e afundou, matando sua tripulação. Sem a obtenção de uma explicação adequada do que de fato havia ocorrido, iniciou nos EUA uma campanha em prol do envolvimento direto do país numa guerra contra a Espanha. O jornalismo sensacionalista em ascensão publicava em Nova Iorque: “*Remember the Maine, To Hell*

with Spain!” A pressão interna, feita pela opinião pública e pelos fortes interesses econômicos vinculados à indústria açucareira e tabagista, fez com McKinley encaminhasse ao Congresso, em 11/04/1898, pedido de autorização para inserir as tropas norte-americanas no conflito entre Cuba e Espanha. Uma semana depois a autorização estava concedida, ficando decidido que os EUA iria apoiar a “*Cuban independence, disclaiming any intention to annex Cuba, demanding Spanish withdrawal, and authorizing the president to use as much military force as he thought necessary to help Cuban patriots gain independence from Spain*”⁹. Em 25/04/1898 os EUA declaram oficialmente guerra à Espanha e invadem Cuba, Porto Rico e Filipinas – coincidentemente ou não, as mesmas áreas que em 1892 haviam recebido *status* privilegiado no comércio açucareiro com os EUA. Em julho de 1898 a Espanha abdica de suas possessões coloniais diante a impossibilidade de arcar com o infrutífero esforço de guerra. Durante a cerimônia de rendição ocorrida em Santiago de Cuba, o general norte-americano *William Shafter* vetou a participação das forças independentistas cubanas. Para os americanos, o conflito ficou conhecido como “*Guerra Hispano-Americana*”; já para os cubanos, como “*A Intervenção Norte-Americana na Guerra de Independência Cubana*”. Entre as retaliações, a Espanha concordava em ceder as Ilhas Guam, Porto Rico e as Filipinas, em troca de uma indenização de US\$ 20 milhões, assim como conceder a independência à Cuba, que passou a ser transitariamente administrada pelos EUA.

Entre os anos 1899 e 1902 Cuba permanece militarmente ocupada e é administrada pelo governo de intervenção norte-americano. A situação econômica da ilha estava em arruinada. Em setembro de 1899 “*Business of all sorts are suspended. Agricultural operations have ceased; large sugar estates with their enormous and expensive machinery are destroyed; houses burned; stock driven off for consumption*”. Dos 1.100 “*ingenios*” existentes na ilha em 1894, apenas 207 se mantiveram intactos ao conflito; dos 565.000 hectares cultivados com cana-de-açúcar em suas duas principais províncias canavieiras – *Havana* e *Matanzas* – apenas 365.000 retornaram a produção logo após o fim da guerra.¹⁰ Grande quantia de capitais seria necessária para reconstruir o país parcialmente arrasado, o que demandaria uma situação política e jurídica estável, que garantisse, entre outras coisas, o direito de propriedade. Nesse ensejo, o Congresso

⁹ Ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Cuban_War_of_Independence

¹⁰ <http://www.historyofcuba.com/history/havana/Sugar1b.htm>

norte-americano aprovou em março de 1901 o “*Army Appropriations Act*”, que estipulava as condições para efetuar a retirada das tropas de Cuba. Entre as cláusulas, havia a “*Platt Amendment*”, que definiria as relações entre EUA e Cuba até 1934. Com sua aprovação, ficava garantido aos EUA amplo controle sobre as finanças e as relações externas de Cuba, assim como o direito de nova intervenção militar “*when the US authorities considered that the life, properties and rights of US citizens were in danger*”. Someteu-se a isso o direito de posse definitiva sobre a Base Naval de Guantánamo. A aceitação dessas condições pela Constituição cubana, então em fase de elaboração, era requisito condicionante para que os EUA reconhecessem a “*independência*” de Cuba. A primeira eleição presidencial em Cuba ocorreu em 31/12/1901, sendo eleito o cidadão norte-americano e residente nos EUA, *Tomás Estrada Palma* – que concorreu como candidato único após seu concorrente *Barolomé Masó* retirar a candidatura em forma de protesto aos procedimentos em curso. Apenas após eleito é que Palma passou a residir em Cuba, tomando posse do cargo em 20/05/1902 – mesma data em que os EUA reconheceram formalmente a “*Republica de Cuba*”. Dada conjuntura avultou ainda mais a atratividade do recém tornado independente país sobre o capital financeiro norte-americano, que cada vez mais inundaria a ilha.

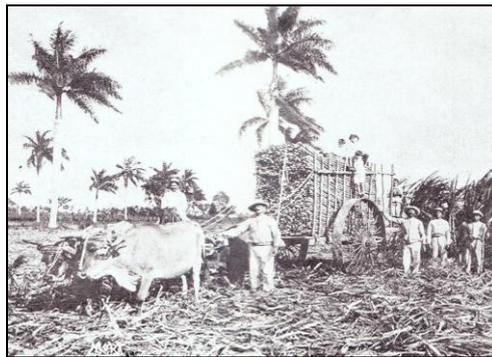
A economia açucareira de Cuba iniciou um processo de intensa transformação. Os pequenos proprietários rurais, altamente castigados nos anos de guerra e desprovidos de alternativas, freqüentemente vendiam suas terras. Apenas parte dos grandes produtores de açúcar estabelecidos no período pré-1895 resistiam às mudanças em curso. Um bom número de “*ingenios*” de pequeno e médio porte encerravam suas atividades para dar margem ao funcionamento das grandes e modernas fábricas, frutos da revolução científica e industrial. Nas tradicionais zonas canavieiras do oeste da ilha (*Havana, Matanzas, Pinar del Río e Santa Clara*), os grandes “*ingenios*” que resistiram e se adaptaram ao processo modernizador em curso, converteram-se em “*Centrales*”. Expandindo sua dominação sobre o entorno, compraram “*ingenios*” menores transformando-os em “*colonias*”. Na porção leste da ilha (*Oriente e Camagüey*), o advento da cultura canavieira em escala gro-exportadora se fez nessa época, e desde o seu início, calcado em grandes investimentos externos. A elevada capacidade industrial das modernas “*centrales*” de açúcar ditava o ritmo da produção agrícola e determinava a

Influências do sistema cubano de produção de cana-de-açúcar sobre as usinas de São Paulo (Brasil): 1875-1929

Mateus de Almeida Sampaio Prado

extensão de terras a serem incorporadas ao processo produtivo. Áreas de vegetação nativa e de agricultura de auto-consumo tornavam-se alvo da expansão monocultora. Construir “*Centrales*” e plantar canaviais no leste de Cuba, área mais “*nova*”, onde a expansão encontrava menor resistência e as terras eram mais baratas e igualmente boas, era definitivamente mais lucrativo do que investir em modernizar a área tradicional. Vasta rede ferroviária, tentáculos das “*Centrales*”, barateavam o transporte da cana entre o campo e a fábrica, e do açúcar, entre a fábrica e o porto. Permitiam que maiores volumes de mercadorias circulassem em menores intervalos de tempo, inserindo em sua lógica de produção, quantidade crescentes de hectares.

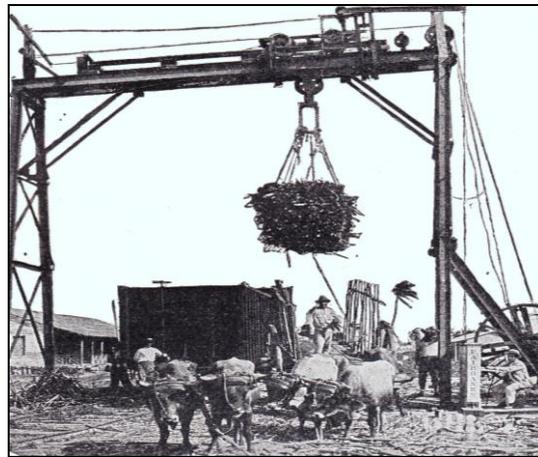
As imagens a seguir são retiradas de exemplares das revistas “*El Mundo Azucarero*” (editada em Londres) e “*The International Sugarcane Journal*” (editada em Nova Iorque), publicadas entre os anos 1924 e 1931.



Ganância e engenho; novos caminhos e objetos técnicos: força humana, animal e mecânica conjugadas no duplo esforço de ampliação do rendimento e aprimoramento da locomoção.

Influências do sistema cubano de produção de cana-de-açúcar sobre as usinas de São Paulo (Brasil): 1875-1929

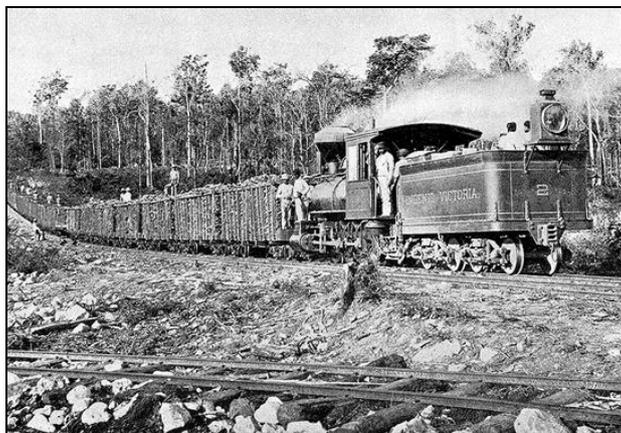
Mateus de Almeida Sampaio Prado



Do canavial ao carro-de-boi “modernizado” (um anel de aço reforçava e aumentava consideravelmente o raio das rodas, permitindo que menos bois puxassem mais carga); do carro-de-boi ao “wagon” ferroviário, por meio de uma grua fabricada pela Fairbanks Company em New York, U.S.A.

Influências do sistema cubano de produção de cana-de-açúcar sobre as usinas de São Paulo (Brasil): 1875-1929

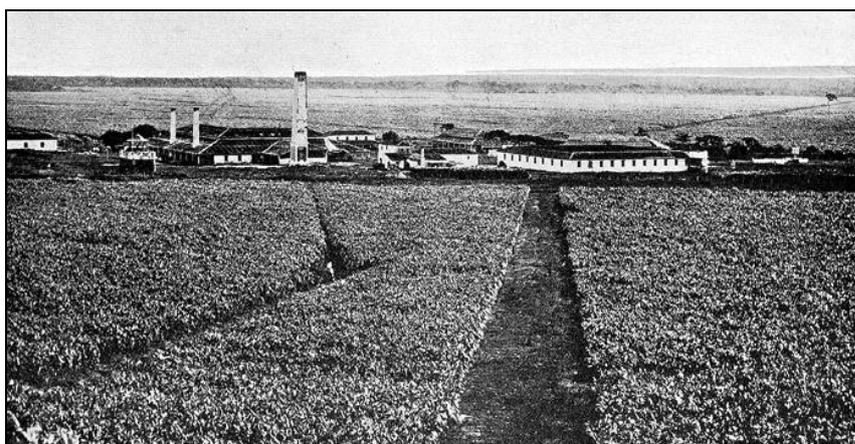
Mateus de Almeida Sampaio Prado



Nova logística no sistema de transportes: da carreta de transbordo puxada por um trator Caterpillar de esteira, aos “tentáculos” de ferro das locomotivas à vapor.

Influências do sistema cubano de produção de cana-de-açúcar sobre as usinas de São Paulo (Brasil): 1875-1929

Mateus de Almeida Sampaio Prado



O campo fabrica o canavial, e a fábrica o devora.



Moderno sistema de transporte de cana implantado em Cuba. As peças (trator Caterpillar e rodas Eletric Wheel), o financiamento e destino final da mercadoria são norte-americanos. Solo, clima e mão-de-obra, cubanos. Aos produtores brasileiros, cabia apenas a vontade de copiar o que em fotografias viam.

O “Reciprocity Treaty”, estabelecido em 1903, privilegiou ainda mais o açúcar produzido em Cuba, desonerando-o de tarifas alfandegárias na importação para o

mercado interno norte-americano. Investimentos pesados, agricultura científica, novos avanços industriais e concentração da terra e da produção ditavam o ritmo de expansão da atividade açucareira na ilha, cabendo aos EUA o papel de ser seu principal financiador e consumidor final. Estima-se que em 1905, 10% da área total de Cuba pertencesse a cidadãos norte-americanos. Para baratear o processo produtivo e ao mesmo tempo enfraquecer o poder de barganha dos trabalhadores livres cubanos, as empresas norte-americanas começaram a importar trabalhadores do Haiti, Barbados e Jamaica, entre outras ilhas do Caribe, e até mesmo da China, para trabalhar em suas lavouras, construindo vilas de moradia nas imediações de suas instalações. Cuba era pressionada para converter-se numa economia especializada e pouco diversificada. Sua população originalmente agrícola acabava perdendo suas posses e o mercado de trabalho ficava mais concorrido com a chegada da mão-de-obra barata externa. Quando o presidente Palma tentou assegurar sua reeleição, em 1906, estourou uma revolta interna, almejando barrá-lo. Deu-se então nova intervenção militar norte-americana na ilha, que entre 1906 e 1909 manteve o interventor norte-americano *Charles Magoon* no comando do país. Em 1912 as tropas norte-americanas voltavam à Cuba, dessa vez para conter protestos encabeçados por *afro-cubanos*.

A eclosão da 1ª Guerra Mundial valorizou sobremaneira as empresas açucareiras cabanas. Com a principal zona produtora de açúcar de beterraba do mundo (Europa) convertida em sangrento palco de destruição e improdutividade, Cuba alçava-se definitivamente à condição de potência açucareira mundial. Sem a participação da beterraba, o preço do açúcar saltou no mercado internacional de 4,65 *US\$ cents/kg* em julho de 1914 para 8,83 *US\$ cents/kg* em agosto do mesmo ano. Entre 1913 e 1920 a produção europeia de açúcar recuou de 9.100.000 toneladas para contraídas 1.800.000. Cuba, por sua vez, ampliou a produção entre 1913 e 1919 de 2.720.000 toneladas para 4.450.000.¹¹ Ao fim da guerra, Cuba produzia sozinha, a metade do total produzido por toda a Europa antes de iniciar o conflito. As províncias de *Oriente* e *Camagüey* lideravam o aumento da safra canavieira cubana, tendo recebido entre 1912 e 1931, aproximadamente 300.000 trabalhadores negros oriundos de outros países do caribe para laborarem em seus campos. Em 1923, "*the eastern provinces of Camagüey and Oriente surpassed the western region in sugar production, and the eastern region*

¹¹ Ver: <http://www.historyofcuba.com/history/havana/Sugar1b.htm>

finally became the center of twentieth-century sugar monoculture".¹² Em 1924 o leste produzia 54% do açúcar nacional, cabendo ao tradicional oeste os 46% restantes.¹³ Em 1926 60% da indústria açucareira de Cuba pertencia a companhias norte-americanas, e 95% da produção total da ilha dirigia-se para os EUA. Em 1934, ano em que a “*Platt Amendment*” cessou de valer, 66% do açúcar produzido em Cuba era controlado pelo “*Big Sugar*”.

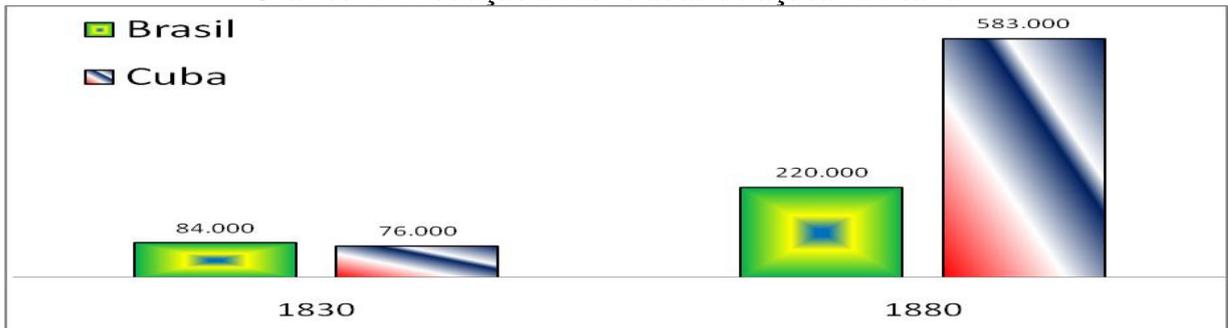
Brasil: colonialismo, capitalismo e canaviais?

Sim, ambos os países tem muito em comum, sobretudo no que diz respeito a sua tradição açucareira. No entanto, o que buscamos salientar nesse texto é a influência do sistema agrícola praticado em Cuba, já em sua fase de intenso predomínio do capital norte-americano, sobre a lavoura brasileira em vias de restauro tecnológico. No plano internacional, a grande melhoria técnica ocorrida de forma seletiva na produção canavieira e açucareira nas décadas de 1860-80, relegava o Brasil a um plano secundário nesse mercado. Abandonada a posição de país exportador em função de seu atraso tecnológico acumulado, restava ao Brasil a condição de mercado “*auto-abastecido*”. Sobretudo alguns casos de neo-colonialismo econômico, como os praticados por holandeses em Java; franceses nas ilhas de Guadalupe e Martinica; britânicos no Egito, em Santa Lúcia e no Sri Lanka e norte-americanos em Cuba, no Havaí, nas Filipinas e em Porto Rico, acirravam a concorrência no mercado internacional, dificultando o acesso ao produto brasileiro. Significativas quantias de capitais aliadas a novos processos tecnológicos, de origem européia e norte-americana, eram investidas em diversas áreas canavieiras do planeta – mas no Brasil isso tardou a acontecer.

¹² Ver: <http://www.historyofcuba.com/history/havana/Sugar1b.htm>

¹³ <http://www.historyofcuba.com/history/havana/Sugar1b.htm>

Gráfico 1: Produção de toneladas de açúcar de cana ¹⁴



O fim do tráfico negroiro (1850), a lei do ventre-livre (1871) e a abolição da escravatura (1888) escasseavam e encareciam a mão-de-obra utilizada no trabalho canavieiro. O rudimentar manejo agrícola era outro impecílio. Todas suas etapas eram precárias e redundavam numa lavoura de baixo rendimento. Para tentar reverter esse quadro, o Governo Imperial acabou cedendo aos interesses dos senhores de engenhos, e a partir de 1875 promulgou uma série de Decretos cujo intuito era favorecê-los. Para modernizar o setor, o governo oferecia:

- ✓ **Garantia** de juro de 7% aos capitais investidos;
- ✓ **Isenção** de direitos de importação sobre as máquinas, instrumentos, trilhos e mais objetos destinados ao serviço da fábrica;
- ✓ **Preferência** para aquisição de terrenos devolutos através da política de preços mínimos, estabelecidos pela Lei n.º 601 de 1850 (caso a companhia os distribuisse para imigrantes por ela “importados”);
- ✓ **Direito** de desapropriar terrenos de domínio particular e de usar madeiras existentes no município;
- ✓ **Transporte gratuito** nas estradas de ferro do Estado, por um período de dez anos, de maquinismos e materiais que fossem necessários para as fábricas e as suas dependências;
- ✓ **“Privilégio de zona”** num raio de 15 a 20 quilômetros em torno do empreendimento, etc. ¹⁵

O atraso brasileiro vinculava-se à mão-de-obra em uso, aos elementos tecnológicos vigentes nos campos e nos engenhos e à reduzida disponibilidade de capitais para serem investidos. O estabelecimento do “colonato” na lavoura canavieira,

¹⁴ Adaptado de: QUEDA, 1972, p. 40.

¹⁵ CARLI, 1943, pp. 33-38.

em partes apoiado por financiamentos do governo e em parte decorrente da livre-iniciativa dos empresários, promoveu importante aumento no número de “*braços*” para trabalharem nas lavouras de cana. Essa alteração atenuou o problema da mão-de-obra, dando início a um regime de trabalho bem mais produtivo do que era o escravista.¹⁶ Empresas inglesas e francesas tornaram-se as principais fornecedoras de peças e máquinas sortidas e modernas, frutos da revolução industrial, re-dinamizando a atividade açucareira no Brasil. Promovia-se o ganho de produtividade advindo tanto de uma maior especialização das funções agrícolas e fabris, quanto pelo alargamento e intensificação da escala de produção. Nesta conjuntura, alguns fazendeiros e investidores nacionais, reunindo-se em *Sociedade Anonimas*, e ergueram grandes e modernas fábricas de açúcar nas regiões *Nordeste do País* e, principalmente, *Norte Fluminense* e *Interior Paulista*: “*Não resta dúvida, pelas descrições feitas desse Engenho Central [no caso, o de Piracicaba], que os seus concessionários procuraram utilizar o melhor maquinário da época*”.¹⁷

No entanto, a demanda de matéria-prima por parte destas *gigantes* e *vorazes* fábricas de açúcar ainda encontrava travas na conduta de tradicionais fazendeiros canavicultores (os *partistas* e mesmo os donos de pequenas *engenhocas* ou *bangüês*), que só vendiam sua safra de cana aos *Engenhos Centrais* quando os preços do açúcar estavam ruins (baixos). Caso contrário, preferiam ativar suas velhas moendas, que de uma forma ou de outra também produziam açúcar, rapadura e aguardente – cuja aceitação no mercado local/regional da época era fácil, sendo os açúcares mascavos mais baratos que o refinado – a lhes vender as canas que haviam cultivado. Após falências e trocas de proprietários, os *Engenhos Centrais* partiram então para outra estratégia; foram em busca de expandir sua área de terras próprias e promover novos sistemas de parcerias. A partir desse momento, algumas das fábricas de açúcar fundadas no Brasil passaram a ser conhecidas como “*Usinas*”. A consolidação da modernização fabril e do aumento das terras comprometidas com o abastecimento canavieiro dos *Engenhos Centrais* e das *Usinas*, houve a necessidade de se alterar o sistema agrícola correlacionado, racionalizando-o em suas etapas, *cientificizando-o* em seus procedimentos, atualizando seus instrumentos de produção. O sistema de transportes aplicado na colheita consisti-se num dos aspectos mais elucidativos da franca

¹⁶ MEIRA, 2007, pp. 104-105.

¹⁷ MEIRA, 2007, p. 103.

Influências do sistema cubano de produção de cana-de-açúcar sobre as usinas de São Paulo (Brasil): 1875-1929

Mateus de Almeida Sampaio Prado

transformação vigente no período, e o exemplo cubano era visto como modelo ideal de funcionamento. Híbrido, este complementava vias terrestres e fluviais. Coexistiam ainda formas de tração braçal, animal e mecânica. A re-engenharia dos transportes demandava uma logística mais aprimorada no que dizia respeito ao sincronismo existente entre o ritmo de moagem, o ritmo de amadurecimento e colheita dos canaviais e a relação tempo-espaço entre campo e fábrica. Quando os *Engenhos Centrais* se adequaram às condições e às demandas do momento histórico em que estavam inseridos, adotando o mesmo protótipo das “*Usinas*”.

As fotos a seguir pertencem aos acervos da Fundação Romi e UEIM/UFSCar (Unidade Especial Informação e Memória):



Plantio da cana e transbordo da colheita: assim como o boi, a mula também tinha participação indispensável, dando maior agilidade aos deslocamentos campo-fábrica.

Influências do sistema cubano de produção de cana-de-açúcar sobre as usinas de São Paulo (Brasil): 1875-1929

Mateus de Almeida Sampaio Prado



Panorama de uma estação de transbordo: carroça e vagão, animal e vapor - nítida influência da agricultura praticada em Cuba.



A destilaria de álcool de Santa Bárbara d'Oeste (SP) e a colônia agro-fábrica da usina Itaquerê (SP)

Na virada do século XIX para o XX estes se firmavam como negócios prósperos, atraindo a atenção de grupos capitalistas internacionais. Em 1899 todos os

três *Engenhos Centrais* estabelecidos na mais tradicional área canavieira do Estado de São Paulo, a região de Piracicaba (*Engenhos Centrais de Piracicaba, Villa-Raffard e Porto Feliz*), foram comprados por uma firma de capital francês, o mesmo ocorrendo com o de *Lorena*, em 1901. Assim, a recém fundada *Société Française des Sucrerie Brésiliennes* se tornou a principal investidora e produtora de açúcar no Brasil, posição que sustentaria até a década de 1930.

Considerações Finais

Peculiaridades, paralelismos, convergências e oposições podem ser traçados entre os acontecimentos vinculados a fabricação de açúcar em Cuba e no Brasil, entre fins do século XIX e início do XX. A origem da influência externa mais incisiva, sendo para um a norte-americana e para outro a européia; a cronologia de acontecimento das principais variáveis-chave (que entre si, não divergem muito – substituição da mão-de-obra cativa pela livre, modernização tecnológico do sistema fabril e conseqüentemente do agrícola, aporte massivo do capital externo, etc.) no processo de desenvolvimento da cadeia produtiva de cada país; a relação entre exportação *x* abastecimento do mercado interno, enfim, estes são alguns dos aspectos que divergem um pouco em cada um dos dois casos abordados. O modelo de “*plantage*” tropical, a força ruralista e patriarcal da sociedade e a multiplicidade de escalas de influência, indo do mandonismo local a financeirização global, são elementos comuns a ambos.

Como a agro-indústria canavieira moderna cubana se formou antes da brasileira, acabou servindo-lhe como importante exemplo. Publicações científicas e propagandísticas, viagens técnicas e de negócios, congressos e reuniões em geral serviam para por em contato as duas realidades canavieiras, sendo muito mais intenso o fluxo de propagação no sentido Cuba-Brasil. O desenrolar dos acontecimentos em Cuba motivava aperfeiçoamentos posteriores no Brasil, e isso se fez sentir sobretudo em sua abertura para o capital externo e na adoção de tecnologias igualmente forâneas.

Cuba localiza-se muito perto dos EUA, caiu “cedo” em seu raio de influência. O Brasil, mais longínquo, seria a “Cuba do etanol” no entrante século XXI? Isso é uma outra história...

Fontes consultadas

ABBOTT, Elizabeth. *Haiti's Revolution Fueled the Rise of Big Sugar in Cuba and Louisiana*. (Overlook Press, 2010).

CARLI, Gileno dé. *Gênese e evolução da indústria açucareira paulista*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti editores, 1943.

MEIRA, Roberta Barros. *Bangüês, engenhos centrais e usinas: o desenvolvimento da economia açucareira em São Paulo e a sua correlação com as políticas estatais (1875-1941)*. São Paulo: FFLCH-USP Dissertação de Mestrado em História Econômica, 2007.

QUEDA, Oriowaldo. *A intervenção do estado e a agroindústria açucareira paulista*. Piracicaba: Tese de doutoramento apresentada à Esalq/USP, 1972.

Sites (acessos realizados em janeiro de 2011):

<http://www.delafe.com>

<http://www.historyofcuba.com>

<http://hnn.us>

<http://en.wikipedia.org>

<http://www.archive.org>

<http://query.nytimes.com>

Periódicos:

“El Mundo Azucarero”, New York

“The International Sugarcane Journal”, London

Centros de pesquisa:

Fundação Romi – Santa Bárbara d’Oeste (SP)

UEIM/UFSCar (Unidade Especial Informação e Memória) – São Carlos (SP)